MEMÓRIAS: imagens entre fotos, palavras, coisas e sonhos.

Memories: images between photos, words, things and dreams.

Márcia Merlo. Doutora em Antropologia.

Professora e Pesquisadora do Programa de Mestrado em Design da Anhembi Morumbi.

Resumo:

Este artigo busca retratar uma reflexão inicial em torno da temática: design, memória e sociedade, visando explicitar por meio de leituras, observação e análise modos de rememorar utilizando-se de fotografias e objetos que apóiam o lembrar. Memórias que remetem não somente ao passado revisitado, mas, sobretudo, por, ao fundamentaram-se no tempo presente, recriarem, por intermédio do movimento da memória, o que se quer lembrado, o que se pretende deixar silenciado e esquecido, e o que se quer afirmar para balizar o devir.

Palavras-chave: Fotografia, Memória e Moda.

Abstract:

This article seeks to portray an initial reflection around the thematic: design, memory and society, to clarify through readings, observation and analysis views remember using photographs and objects that support. Memoirs describing not only the past revisited, but, above all, to substantiate this time through the movement of memory, which either reminded to leave been stifled and forgotten, and you want to say to shape the future.

Keywords: Memory, Photography and Fashion.

"a memória importa, pois é ela que permite costurar a história."

Emanoel Araújo – curador da Exposição Negras memórias, memórias de negros. O imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da Escravidão

São Paulo, 2003.

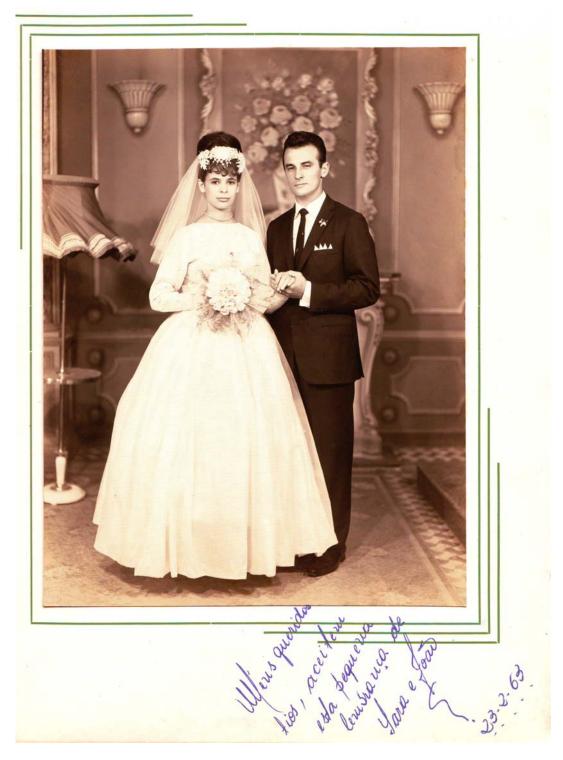


Foto de Casamento nos anos 1960 dado de lembrança para os tios.

Acervo de álbuns da família Chequi.

Por memória, aqui, entende-se representação, rememoração, reminiscência, recriação de um passado. Passado este colorido pelo presente, pois lembramos sempre a partir do tempo presente em um movimento da memória que sai deste, volta ao passado e retorna ao presente permeado de elementos compostos, tecidos neste próprio movimento. Mesmo porque esse passado é impossível de ser recuperado, reconstituído no sentido pleno do termo. E, neste sentido, o trabalho com a memória corresponde, geralmente, ao cotidiano e representa diversas formas de lembrar e de compor esse lembrar, dentro de um tempo e lugar.

Memória de algo que se viveu e se quer lembrado; memória que se quer esquecer devido ao sofrimento e se silencia, não se conta, se modifica... Memórias que são dos outros, mas de tanto que se conta, se ouve ou faz sentido ouvir, viram as próprias lembranças, interpenetram-se. Lembranças tecidas ao longo de uma vida... Objetos, coisas, fotografias, roupas, modos, mosaicos, "baús revisitados", corpos, colchas de retalhos, festas, modas passadas, fragmentos recolhidos e entrelaçados em formas variadas, tonalidades distintas, materiais diversos também são tipos de memórias e são memórias em si...

Memória, História e Moda também possuem total relação. Se rememorarmos nossas histórias por meio de fragmentos de lembranças, das roupas, dos objetos, do que eles possuem de material e imaterial, até mesmo tais fragmentos podem recompor um todo, como em uma colcha de retalhos. A colcha de retalhos pode retratar a história de uma pessoa e de um grupo. É o que aparece no filme *Colcha de Retalhos*ⁱ onde um grupo de mulheres de cores, raças, classes sociais, idades, vivências diferentes se reúnem para costurar colchas e através delas contam suas histórias. Estas mulheres se retrataram na colcha, ao contarem suas histórias também transformaram suas vidas, pois ao rememorarem puderam fazer outras relações, pensar outras possibilidades, rever seus processos, pois a memória propicia uma revisão da vida.

O mais interessante neste filme é que ao lembrarem passagens significativas de suas vidas, costuravam-nas no pedaço que faziam desta colcha. Ao término deste

tecer profundo, com a colcha pronta, tornou-se possível percebermos cada uma dentro do todo. Olhando a colcha, a identidade de cada mulher estava estampada na seleção que haviam feito dos tecidos, das formas, dos motivos, dos traços, dos volumes, das texturas — imagens que remetiam ao que narravam ao tecerem a colcha, reconhecíveis (elas e suas vidas revisitadas) para quem conheceu suas histórias, no entanto, completamente indiferentes àqueles que só perceberam na colcha um objeto de decoração. Quem estabelece vida social às coisas somos nós e, também, são estas e por meio disto que nos colocamos no mundo, nos posicionamos individual e socialmente.

Myriam de Barros alimenta nossa discussão comentando uma situação de pesquisa com grupos familiares de classe média, no Rio de Janeiro, onde buscava compreender como se dá a relação: Memória e Família. Notou nas falas de suas (seus) interlocutoras (es) a recorrência com que apoiavam suas lembranças às fotografias. As gerações estavam lá e a imagem confirmava, de algum modo, suas lembranças ou o que queriam afirmar diante da pesquisadora. Diz

Não são apenas os retratos antigos dos avós, tios, primos, pais e irmãos que têm a função de relembrar a união familiar, mas também móveis e objetos: a cama de madeira trabalhada e a cômoda da sala, a imagem de um santo, o diário da avó que não se conheceu e que hoje se encontra nas mãos da neta. Esses objetos não são apenas partes de um passado, mas símbolos da família, dos laços de descendência, que podem ser transcritos como bens que contêm história. (1989, p. 35)

A autora aponta tais objetos como bens simbólicos transmissíveis no seio familiar, não necessariamente por representarem uma posição social que representava um status na hierarquia do grupo; nem por serem transferíveis de uma geração a outra, mas por imprimirem marcas de um passado que não se quer esquecido. Movimento que denota o lugar de cada sujeito e sua identidade pela inserção na família. Pensando no que a fotografia pode transmitir e localizar de cada situação registrada do vivido e da época em questão, temos um caminho interessantíssimo para a pesquisa de modos e modas por meio destes elementos captáveis, da contextualização histórica e das memórias individuais. Passa a ser de suma

importância cada detalhe do contado, seja pelo sujeito que narra sua história, seja pelos objetos que o apóiam neste rememorar.



Retrato da família Touro, por volta de 1956.

Acervo da família Chequi, gentilmente cedido à reprodução para esta pesquisa.

Se os avôs assumem o lugar dos guardiões da memória, valor semelhante adquire aquele que zela pelos álbuns de família. Assim como os conteúdos das fotos, os lugares onde estão guardadas dentro da intimidade do lar, passam a significar as lembranças. Barros (1989, p. 37), continua

Caixas nas partes mais altas dos armários, álbuns nas estantes do escritório, envelopes e papéis empilhados dentro das gavetas, pacotes cuidadosamente amarrados com barbantes e guardados em cômodas pesadas são os espaços para guardar fotos, álbuns e outras tantas relíquias familiares. Se não são vistos como os lugares mais adequados para a conservação de fotos, sendo até considerados como improvisados e escolhidos meio ao acaso na arrumação da casa, estão ao mesmo tempo à mão de quem ali guarda as imagens e objetos que documentam a memória da família. Mesmo fechados no alto dos armários, as coleções de fotografias deixam rastros no meio da casa: retratos emoldurados nas paredes, nas estantes, espalhados em cima do piano. Nota-se na escolha destes lugares, feita entre o acaso e a determinação, uma estratégia de esconder e expor, um jogo de apresentação pública e de preservação da intimidade familiar.

Também as marcas deixadas na foto, as marcas do tempo que começam a se imprimir, penetrar na imagem, são modelados pela memória.

Também Marilena Chauí (1979, seção XXVII), ao apresentar o trabalho de Ecléa Bosi, faz-nos refletir acerca da conservação de memórias e, sobretudo, da existência e condição humanas,

Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se repara, pois como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito — alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis porque, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje.

Chauí refere-se aos velhos pesquisados por Bosi, mas a partir deles analisa a nossa sociedade, a memória entre continuidades e rupturas. A filósofa chama-nos a atenção aos valores éticos, morais, sociais e para revisitarmos o passado como possibilidade de compreendermos o feito, o presente e o que está por fazer. Em uma

sociedade em que ocorre a anulação/dissolução do sujeito, no processo de valorização da mercadoria como valor de troca no mercado, parece que se torna extremamente urgente pensarmos os bens para não sermos, de fato, barbarizados por eles. Na mesma direção do exposto, utilizo-me, portanto, do sentido de velho não como o ultrapassado, mas como um caminho da Memória necessário para questionarmos os abismos econômicos construídos, os distanciamentos sociais reiterados no cotidiano, as idéias preconceituosas e ideologias que distorcem possibilidades de se perceber e agir diferencialmente, de construir um diálogo intercultural efetivo; situações estas que nos afastam da reflexão sobre nosso tempo e o lugar que ocupamos, sobretudo sobre os sentidos dos outros. É preciso viver a vida, assim como é necessário pensá-la. A questão é que nos colocamos em tudo, consciente ou inconscientemente.

Dito isto, fica mais claro pensar o papel da fotografia e dos objetos em geral como portadores de memória – aqui seu próprio objeto. A imagem fotográfica reforçase como registro, conexão com determinada situação, espaço e tempo. As fotos e outros artefatos passam a ser considerados biográficos, já que ao serem selecionados para contar histórias tornam-se insubstituíveis. BOSI (1979, p. 360) pergunta: "O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade".

Nesta relação entre os humanos e as coisas, o que se revela são práticas sociais e culturais que perduram ou se fragmentam; memórias individuais e coletivas que permanecem substanciando grupos em seus modos diários e em modas passageiras. Muitas vezes, vem a morte e como escreve Stallybrass (2004, p. 16-17)

As roupas recebem a marca humana. As jóias duram mais que as roupas e também podem comover. Mas embora elas tenham uma história, elas resistem à história de nossos corpos. Duradouras, elas ridicularizam nossa mortalidade, imitando-a apenas no arranhão ocasional. Por outro lado, a comida que, como as jóias, é uma dádiva que nos liga uns aos outros, rapidamente torna-se nós e desaparece. Tal como a comida, a roupa pode ser moldada por nosso toque; tal como as jóias, ela dura além do momento imediato do consumo. Ela dura, mas é mortal.

Ainda em Bosi (1979, p. 362) encontro respostas e eco para outros tantos pensamentos,

Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos. Onde está nossa primeira casa? Só em sonhos podemos retornar ao chão onde demos nossos primeiros passos. Os deslocamentos constantes a que nos obriga a vida moderna não nos permitem o enraizamento num dado espaço, numa comunidade.

Por mais que uma roupa, um calçado ou qualquer acessório associado ao ato de se vestir e calçar seja igual à outra (o), em tempos modernos com a industrialização dos produtos e a massificação do consumo, do gosto e da estética, ainda assim nos colocamos nas coisas, porque nos relacionamos com elas. Se as roupas e outros objetos carregam nossas marcas, ao mesmo tempo em que os marcamos, somos demarcados por eles. A memória marca, demarca e remarca e neste sentido a nossa identidade está em questão.



Festa do Chopp na Vila Maria, bairro da Zona Norte de São Paulo, em 1976. Acervo da família Chequi Lopez. Foto autorizada para a reprodução.

Além do ato de fotografar momentos em família, com amigos e situações que se pretendem eternizar, podemos pensar no fato tradicional de imprimir a imagem em papel fotográfico, já não tão comum hoje, mas ainda presente em muitos lares e essencial para alguns colecionadores e adeptos à "moda antiga" de possuir e manusear fotos. As imagens presentes em uma fotografia remetem ao instante fotografado e deixam pistas para a memória. Aquele penteado, aquele vestido, o terno do vovô e o seu bigode, o sorriso do papai, a elegância da mamãe. A pose em família, os amigos que não encontramos mais e assim por diante. Tais imagens ilustram modos e modas, práticas culturais e sociais captáveis pelo "click", tanto pela sensibilidade e emoção do fotógrafo, quanto o que ficou do que se quis transferir para aquele instante pelo sujeito que posa e do que tira a foto. Entende-se, portanto, a fotografia como suporte, produto e meio. Para isto, é preciso acreditar no poder de captar a veracidade do momento ou de revelar o que se deseja em parte pela encenação. Duas vertentes ainda muito presentes no debate do papel da fotografia.

Por um lado, temos a imagem como representação da prova, testemunho e veracidade do registrado, o que também é memória. É o que Myriam Barros aponta como foto-documento e foto-modelo (1989, p. 39). Fotos que revelam a genealogia da família e ao mesmo tempo apresentam um modelo familiar, onde os papéis sociais estão definidos e sintetizam o que se quer exposto. Pensando o papel emblemático da fotografia e este para a narrativa de um tempo e lugar que se quer conhecido, aparece como um meio de pesquisa ainda que seja, por si só, um produto do meio social. Em tempos em que se buscam certas verdades construindo discursos oficiais em torno de acontecimentos e pessoas, a fotografia ainda é colocada como registro "fiel" de uma dada realidade. Em momentos que se quer, neste mesmo tempo presente, utilizar da imagem para diversão e entretenimento, criam-se mil possibilidades de se construir tipos ideais por meio da espetacularização da "realidade". Como diz Silvaⁱⁱ (2010),

A intenção é divertir e brincar: máscara de realidade ao mundo construído, encenado, do teatro... distância da realidade, para oferecer a sensação de um mundo mágico do objeto (cultura material), deslocando a pessoa do mundo cotidiano, para lugar além da realidade.

Também é possível captar neste aspecto de nossa relação com os objetos e com o delírio provocado por meio de imagens que distraem e divertem, tornando-nos espectadores de nossas vidas, compreendemos, por outro lado, que nesta intenção de mascarar a realidade construindo outros mundos oniricamente, as imagens nos fornecem algum tipo de "alívio e alegria, uma espécie de fuga dos problemas da vida diária: tensão, stress, solidão, medo e ansiedade" (idem, ibidem).

Quando pensamos no papel da fotografia de moda na construção da imagem na contemporaneidade, retomamos o sentido que os modos e as modas vêm dando à nossa existência, primeiramente porque a moda "veste e dá valor à estética corporal, mas não é à vestimenta nem à aparência que ela se liga, e sim aos seus símbolos" (SAPIR apud in RAINHO, 2002, p. 27). Também é preciso frisar que as humanidades em sua multiplicidade cultural, sempre construíram sua própria imagem de belo e peculiaridade ao lidar com o novo. Compreendido desta forma, ampliamos que ela não só veste a aparência de nossos corpos, mas de toda a sua extensão (movimentos), pois ao pensarmos o papel da cultura concluímos que esta estetização aplica-se a tudo o que está presente em nossas existências. Então, a imagem que fazem de mim ou que deixo transparecer dos meus sentimentos mais íntimos está ligada ao meu ser e estar neste mundo, isto é memória, identidade e alteridade. Sendo assim, tudo o que me pertence, me identifica; ainda, é o que e como nos relacionamos com o nosso meio, como nos socializamos e nos comunicamos, mas também como imprimimos nossas diferenças.

A moda permeia, agrega e exacerba o vivido e o desejado, por meio da teatralização da existência (sua e nossa), através de linguagens diversas, mas tendo seu maior foco e poder nas imagens construídas, em um tempo em que o que impera é a visualidade e a fotografia marca esta produção social – produto do meio, criação de novidades, registro, ponderação e superação do momento. Portanto, fotografia e moda substanciam memórias, posicionam os indivíduos e os grupos sociais, dão pistas para entendermos sentidos e sentimentos no âmbito do público e do privado.

Nota-se neste artigo, por fim, que não intencionei falar do descarte nem do acúmulo de objetos, portanto não pretendi gerar debate em torno do consumismo e

da efemeridade produzida pelo Sistema-Moda. O que fiz foi levantar questões em torno da memória e suas possibilidades, mais precisamente sobre como nossos pertences nos representam e como contam histórias. As fotografias mais do que comprovarem passagens verídicas de nossas vidas, são os retratos de épocas e situações, mas também contêm outras "verdades" ou razões. Como representação das representações, percebemos que, por meio das fotografias revisitamos nosso passado, nos reconhecemos ou desconhecemos nelas e, de alguma forma, revisamos nossas vidas — movimento próprio da memória e campo de pesquisa aberto para a incursão do Design e da Moda.

Assim, a fotografia foi tratada aqui como foto-documento, foto-modelo, foto-lembrança, foto-objeto, passado-foto-presente, mas também como objeto de pesquisa. O motivo estampado na foto não foi o mote da discussão, mas porque e como os sujeitos querem se retratar e, portanto, perpetuarem-se por meio destas construções imagéticas, ou seja, quantas outras lembranças, sonhos e devaneios cabem neste ato e neste "objeto", que em parte captamos, mas nem tudo é possível de ser reconhecido, já que a foto é "muda", há pontos "cegos"... e nos sentimentos humanos cabem muitos universos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Moraes Lins de. "Memória e Família" In: Revista Estudos Históricos, Vol. 2, no. 3, 1989.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, 4ª. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**, Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares". Trad. de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**, nº 10, dez., São Paulo, CEDUC, 1993, p. 7-46.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: **Revista Estudos Históricos** nº 3. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1989.

______. "Memória e identidade social". In: **Revista Estudos Históricos**, Vol. 5, nº 10, p. 200-12, Rio de Janeiro, 1992.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções - Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2a. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Notas:

Informações Técnicas do Filme

Título no Brasil: Colcha de Retalhos

Título Original: How to Make an American Quilt

País de Origem: EUA Gênero: Drama

<u>Tempo de Duração:</u> 116 minutos <u>Ano de Lançamento:</u> 1995

Site Oficial:

Estúdio/Distrib.: Universal Home Video

Direção: Jocelyn Moorhouse

ⁱⁱ Trecho extraído da comunicação oral do Prof. Dr. Jofre Silva (Programa de Mestrado em Design da Anhembi Morumbi), intitulada Compaixão e piedade por hábito, apresentada no Congresso da ABES 2010. Mesa - Semiótica, design, espaço: estilos de vida e cotidiano.